

3

A temporalidade do *a posteriori*

Quando se fala em temporalidade em psicanálise, é preciso dar lugar de destaque à noção do *a posteriori* evocada por Freud (1894) através do termo alemão *nachträglich*. Tal termo aparece pela primeira vez em 1894, ao descrever o caso Elisabeth von R., no texto *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895). Em 1985 no *Projeto para uma psicologia científica*, Freud propõe a variação *nachträglichkeit*, uma palavra forjada, que traz consigo a ideia de um movimento – de uma ação retrospectiva. Contudo, é apenas no famoso documento à Fliess – Carta 52 – que a noção temporal de *nachträglich* ganha projeção e consistência, designando um processo de reorganização no qual incrições mnêmicas – a princípio inócuas – adquirem significação traumática para o sujeito num momento posterior (ROUDINESCO e PLON, 1998). Trata-se de impressões, traços de memória, experiências vividas, que são remodelados em função de novas experiências e também de acordo com os estágios do desenvolvimento do indivíduo. Com o termo *nachträglich*, Freud (1896) indica a sua concepção própria da temporalidade e da causalidade psíquica remetendo à ideia de que a memória sofre rearranjos frequentes, recriando o passado permanentemente.

De acordo com Laplanche e Pontalis (2004), muitas vezes condena-se a psicanálise por reduzir todas as questões subjetivas a um passado infantil. Nesta perspectiva linear, o destino do homem seria decidido na infância, nos primeiros meses de vida ou até mesmo na vida intrauterina. Desde o início, Freud (1986) preocupou-se em mostrar que o sujeito modifica *a posteriori* as representações dos acontecimentos vividos e que esse movimento lhes confere sentido, uma eficácia ou um poder patogênico. Assim, propondo uma temporalidade retrospectiva, Freud desmonta qualquer ideia de constituição subjetiva linear segmentada em um tempo irreversível – passado, presente e futuro.

Laplanche (2006) sugere que esta noção temporal *nachträglich*, embora tenha grande importância na metapsicologia, seria um conceito “indigente” (p.30) na obra freudiana. A palavra foi empregada diversas vezes por Freud para designar uma temporalidade própria ao funcionamento psíquico, mas não consta nos índices

remissivos da *Gesammelte Werke* e da *Standard Edition*. Jacques André (2008), em seu relatório *O acontecimento e a temporalidade – o après-coup no tratamento*, nos relembra que a própria invenção do conceito de *a posteriori* é em si mesma uma reinvenção em dois tempos, já que 60 anos mais tarde, após as primeiras considerações freudianas, Lacan (1953) ressuscita o termo em sua versão francesa: *après-coup*. Foi somente a partir da leitura de Lacan (1953) que a temporalidade de *nachträglich* se tornou amplamente difundida entre os pós-freudianos. André (2008) acrescenta: “o tempo da teoria é como a própria noção, é o tempo de uma construção em dois episódios. Lacan exuma o que ficou enterrado, esquecido, perdido ou passou despercebido neste intervalo” (p.140). Essa expressão, utilizada para designar o *nachträglich* de Freud, apareceu pela primeira vez em seu Relatório de Roma, publicado no livro *Escritos*, no texto intitulado *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*. Nesse texto, Lacan (1953) explora o sentido de *nachträglich* no contexto de uma teoria do significante que discute principalmente o tempo para compreender de cada sujeito.

3.1

As palavras e os sentidos de *nachträglich*

Este longo silêncio que recobriu *nachträglich* levou à formulação de sentidos particulares no modo de se apropriar do conceito, visto que o termo ainda não possuía uma identidade própria conceitual, tampouco uma tradução específica nem para o francês, nem para o inglês (LAPLANCHE e PONTALIS, 2004). James Strachey (1953), o editor da *Standard Edition* das obras completas de Freud e representante da escola inglesa, propôs traduzir a noção como *deferred action*. Essa expressão significa ação retardada ou preterida, apontando para uma concepção de tempo progressivo e uma determinação linear do passado sobre o futuro – relação de causa e efeito. A escola inglesa defende a ideia de um tempo progressivo ligado a um desenvolvimento contínuo que deve seguir seu caminho de acordo com percurso tido como normal. Embora haja fixações e regressões ao longo do desenvolvimento psicosssexual, esses momentos devem ser superados, pois emperram o curso normal. Segundo André (2008), o modo inglês de organizar o problema nos remete à imagem

da flecha do tempo, isto é, um passado que está dado, irreversível, e que segue seu curso natural, mostrando seus efeitos no presente. Ainda que exista um lapso temporal entre a causa e seu efeito, tal lapso não é de produção de alguma coisa, mas sim de espera, pois é preciso esperar um tempo para que os efeitos se manifestem. Para Gondar (1995), essa proposta valoriza um determinismo linear da ação causal do passado sobre o presente. Entre as excitações e a resposta, entre a causa e o efeito, haveria uma ação retardada, um efeito de adiamento: o *a posteriori* seria uma descarga retardada. Esta ideia de uma ação diferida aponta para um prazo, uma latência: um acontecimento inscrito na infância que só exerce verdadeiramente sua ação mais tarde (ANDRÉ, 2008).

Como já foi dito, a escola francesa, inaugurada por Jacques Lacan (1953), cunhou a expressão *après-coup* para a palavra alemã *nachträglich*. A compreensão francesa enfatiza menos uma sucessão de etapas do que o modo como são reorganizadas retrospectivamente as posições já tomadas. Os ingleses advogam, portanto, uma temporalidade processual, enquanto que os franceses “privilegiam os momento críticos, as cristalizações capazes de reordenar todas as contingências anteriores” (GONDAR, 1995, p.47). As contingências psíquicas não são compreendidas como acontecimentos reais, mas como lembranças, traços de memória que estão sujeitos a constantes remanejamentos. Nessa perspectiva, não há um efeito presente determinado por um passado imutável, que está dado. O que existe é um reordenamento, a produção de uma história em movimento que se recria a cada instante. Ao contrário da escola inglesa, dentro dessa proposta, o passado perde a sua fixidez, ganhando um caráter fluido e dinâmico.

A partir desta compreensão mais refinada da escola francesa, podemos inferir que o passado não está dado, ele só existe *a posteriori*, isto é, o passado vem à cena na medida em que é historiado pelo presente (LACAN, 1953). Essa noção traz implicações clínicas, pois não caberia ao analista a investigação cada vez mais arcaica de um passado longínquo no qual estaria escrita a verdade do sujeito, ao contrário, o que está em questão são as reconstruções que o sujeito faz sobre si a partir da presença do analista. Freud (1937) discute essa temática no texto *Construções em análise*, comparando o ofício do psicanalista ao de um arqueólogo. Afirma que as

construções em análise se assemelham ao trabalho de um escavador, mas com uma ressalva: “para o arqueólogo, a reconstrução é o objetivo final de seus esforços, ao passo que, para o analista, a construção constitui apenas um trabalho preliminar” (p.278). Não é a rememoração que está em jogo, mas a (re)criação de uma história onde o sujeito possa habitar sua realidade de modo menos sofrido, uma vez que o passado é manipulável. A tarefa do analista junto ao seu paciente é “completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, construí-lo” (FREUD, 1937, p.276).

Segundo Jacques André (2008), a própria palavra *nachträglich*, em seu significado original alemão, despreza a inovação temporal que Freud propõe de uma lógica retrospectiva que subverte a linearidade. O autor defende que a expressão francesa – *après coup* – é ainda mais interessante e apropriada para dar conta da originalidade freudiana. *Nachträglich*, adjetivo ou advérbio, nos dicionários de alemão, expressa fortemente a ideia de atraso. Receber algo *nachträglich* é recebê-lo com certo atraso, como um pagamento tardio. Literalmente significa aquilo que é trazido depois: *nach* – depois, *tragen* – trazer. Para André (2008), a tradução francesa – *après coup* abarcaria em si um significado mais complexo, indo ao encontro do projeto freudiano que coloca o tempo de cabeça para baixo. A palavra francesa *coup* significa golpe, de modo que a expressão *après coup* coloca em cena uma ação que fere, que nocauteia o sujeito. Na dialética do psiquismo ela é uma ação que, ao mesmo tempo em que fere, presta-se também para pensar a ferida (ANDRÉ, 2008).

No *Vocabulário da Psicanálise* (2004) de Laplanche e Pontalis, o substantivo *nachträglichkeit*, o adjetivo e o advérbio *nachträglich* são traduzidos em português respectivamente por posterioridade, posterior e posteriormente. No *Dicionário comentado do alemão de Freud* (1996) de Luiz Alberto Hanns, a tradução designada para o termo alemão foi a famosa expressão latina: *a posteriori*. No Brasil, a falta de uma palavra portuguesa que desse conta do conceito freudiano levou MD Magno (2003) a propor o termo *só-depois* para designar este tempo posterior. Inspirada na tradução francesa, a expressão contém um hífen proposital que transforma as duas palavras de uso corrente em um conceito referido à temporalidade de *nachträglich*. Segundo Andrade e Maia (2010), a expressão *só-depois* não aponta especificamente

para o impacto traumático da temporalidade de *nachträglich* – fator marcante na história do conceito –, mas traz implícita a noção de descontinuidade do tempo, bastante cara para Freud.

Para Laplanche e Pontalis (2004), *nachträglich* também aponta para a ideia de que muitos fenômenos clínicos se agrupam sob uma lógica da retroatividade e mesmo de uma ilusão retroativa. Em uma lógica temporal retrospectiva o adulto está sempre reinterpretando o passado em suas fantasias, ou seja, o passado está vivo, sempre se reacomodando na história do indivíduo. O funcionamento retrospectivo em psicanálise está por toda parte, inclusive na montagem dos conceitos em vários momentos da obra freudiana (GONDAR, 1995). A suposição do recalque originário, por exemplo, é decorrente de um *a posteriori*, visto que é a partir de seus efeitos de cisão psíquica que se pode supor esta operação primeira de recalque. O recalque só se revela no retorno do recalcado; é nesse sentido que as produções inconscientes – atos falhos, os sintomas, os chistes – só podem ser compreendidos *après coup*. O próprio inconsciente não é algo que possui uma realidade no tempo, só temos notícias dele a partir de suas irrupções, ou seja, *a posteriori*.

Laplanche e Pontalis (2004) afirmam que Freud evoca a noção de *a posteriori* em muitos momentos para dar conta de uma série de questões que se colocam ao longo de sua construção teórica. É um conceito complexo que se presta a muitas compreensões e se agrupa basicamente sob três vertentes fundamentais. São elas:

- 1- O modelo do trauma em dois tempos. O que é remodelado *a posteriori* são as inscrições mnêmicas resultantes de experiências vividas.
- 2- A remodelação é acelerada pelos acontecimentos e situações ao longo da vida ou por uma maturação orgânica que vai permitir o acesso a novas significações e consequente a reelaboração do passado.

- 3- A evolução da sexualidade favorece o fenômeno do *a posteriori* em função das defasagens temporais que operam ao longo de seu desenvolvimento.

3.2

A genealogia do conceito em Freud

Laplanche (2006), em seu Seminário *Problématiques VI – l’après coup*, realiza uma genealogia da noção de *nachträglich* em Freud, destacando no seu percurso teórico cinco momentos capitais onde o termo ganha projeção: nos *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895), entre rascunhos e manuscritos nas *Cartas a Fliess* (1892-1899), no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) e no caso clínico do *Homem dos Lobos*, relatado no texto *História de uma neurose infantil* (1918). A análise laplanchiana desses textos evidencia os diversos significados que o termo vai assumindo em cada momento, apontando para uma compreensão plural, complexa e original. A leitura cuidadosa de Laplanche (2006) vai (re)situando a temporalidade de *nachträglich* de acordo com a evolução dos conceitos do pai da psicanálise.

A primeira aparição do *a posteriori* em Freud se deu no caso Elizabeth von R., relatado no texto *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895). Nesse texto, Freud almeja explicar o mecanismo da histeria e a pré-disposição de um certo grupo de pessoas para essa doença: aquele envolvidos com os cuidados de doentes graves por longo período de tempo. Elizabeth tinha 24 anos na época em que ocorreu seu atendimento, ela sofria há dois anos de dores nas pernas e também dificuldade de andar. Havia passado recentemente por momentos difíceis, emoções dolorosas, iniciando um quadro de depressão após dedicar-se por muito tempo aos cuidados de seu pai enfermo. Após seu falecimento, em seguida a mãe se submeteu a uma operação importante na vista e por isso Elizabeth necessitou ficar enclausurada no quarto desta para acompanhá-la na sua recuperação. Depois disso, também enfrentou a perda de uma irmã que falecera em função de um problema cardíaco após o parto. Segundo Freud (1893), as emoções que não puderam se manifestar no momento em que a paciente estava mergulhada na doença alheia ficaram retidas, esperando uma brecha e uma oportunidade para se expressarem livremente. Nas palavras do autor:

Qualquer pessoa cuja mente seja ocupada pelas mil e uma tarefas envolvidas na prestação de cuidados a pessoas enfermas, tarefas essas que se seguem umas às outras numa sucessão interminável por um período de semanas e meses, adotará, por um lado, o hábito de suprimir todos os sinais de sua própria emoção, e por outro, logo desviará a atenção de suas próprias impressões, visto não ter tempo nem forças para apreciá-las devidamente. (...) Está criando material para uma “histeria de retenção”. Quando o doente se recupera, é claro, todas essas impressões perdem o seu significado. Mas quando ele morre e se instala o período de luto, aquelas impressões que ainda não foram trabalhadas entram igualmente em cena, e após um breve intervalo de exaustão, irrompe a histeria, cujas sementes foram lançadas durante o tempo de prestação de cuidados ao doente. (FREUD, 1893, p.184-185).

De acordo com Laplanche (2006), ao se referir a estes afetos retidos que só encontram lugar no momento em que os cuidados com o enfermo terminam, Freud (1893) emprega nesse texto pela primeira vez o termo *Nachträgliche Erledigung*. Em português a expressão foi traduzida por “ab-reação retardada” (FREUD, 1893, p.186), ideia inspirada na concepção inglesa que utiliza o termo *deferred action*. Laplanche (2006) sugere para o termo em questão a expressão francesa “*liquidation après coup*” (p.40), pois, para ele, o sentido aproxima-se mais de alguma coisa que é liquidada, terminada, num tempo posterior a um acontecimento. Em outras palavras, para utilizar a metáfora freudiana: as sementes da histeria foram lançadas em um momento anterior, mas só encontraram sua vias de descarga *a posteriori*, em um outro tempo que se inaugurou com o falecimento do enfermo. Os afetos desta pessoa debruçada sobre a doença de seu pai ficaram impedidos de sair, desencadeando um quadro sintomático de “histeria de retenção” (FREUD, 1893, p.185)

No *Projeto para uma psicologia científica* (1895), ele próprio descoberto *a posteriori* na história da psicanálise, a palavra *nachträglichkeit* aparece quatro vezes ao longo do texto. Embora o caso Emma esteja exaustivamente relatado nos *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895), é no *Projeto* (1985) que o caso é revisitado e a discussão sobre o *a posteriori* ganha fôlego. Ao estudar o recalque histórico, Freud se pergunta: por que o recalque incide especialmente sobre a sexualidade? O recalque supõe dois acontecimentos separados por um hiato de tempo. O primeiro é constituído por uma cena sexual resultante da sedução por um adulto, mas que naquele momento não tem conotação sexual. Trata-se de um acontecimento pré-sexual, pois a criança ainda não é capaz de integrar aquela experiência na sua história, visto que ainda não possui recursos para lidar com aquilo. A representação da cena

inicialmente não é recalçada pelo sujeito, no entanto, em um segundo tempo, um novo acontecimento que não implica necessariamente um significado sexual em si mesmo, evoca por traços associativos a lembrança do primeiro. O segundo momento que consolida o recalque apresenta relação com o primeiro, no entanto, o elemento-chave que distingue os dois momentos é o advento da puberdade. Desse modo, a carga afetiva que o sujeito vai atribuir a este segundo acontecimento vai torná-lo traumático, quando na verdade o trauma é decorrente da recordação do primeiro evento. O ego se defende dessa ameaça através do recalque que encontra sua condição geral e sua eficácia neste tempo posterior da puberdade. Nesse sentido, somente a segunda cena confere valor patogênico à lembrança da primeira cena. Assim sendo, as cenas de sedução estariam na gênese do recalque (LAPLANCHE e PONTALIS, 2004).

O caso clínico de Emma, sob o olhar de Freud no *Projeto* (1895), ilustra esta concepção teórica que compreende *nachträglich* como oriunda do trauma em dois tempos. O texto revela que Emma tinha uma compulsão fóbica que a impossibilitava de entrar desacompanhada em lojas de venda. Tal sintoma remonta a uma cena ocorrida na época de seus doze anos: ao entrar em uma venda, dois empregados estavam rindo juntos ao fundo. Ela então é tomada por uma profunda angústia e pânico, o que a leva a fugir da loja. Nessa cena, a paciente acredita que os empregados riam de seu vestido e confessa que um deles lhe agradava sexualmente. Para Freud (1985), essa cena não é suficiente para explicar o sintoma neurótico, visto que Emma vestia-se muito bem e, além disso, seu sintoma nada tinha a ver com as roupas, mas com a situação de estar desacompanhada ao entrar na loja.

Prosseguindo a investigação analítica, emerge uma outra lembrança, bem mais arcaica, da qual ela não havia se dado conta no momento da cena da loja. Aos oito anos de idade ela tinha ido duas vezes a uma venda comprar doces. Na primeira vez o dono colocou a mão em seus órgãos genitais, por cima da roupa. Emma não se incomodou com o fato, tanto é que voltou à venda, depois reprovou-se por isso, pois parecia querer provocar novamente o atentado. É somente cinco anos mais tarde que a ação do dono da venda adquire um valor traumático, desencadeando uma excitação sexual que aparece transformada em pânico. Nas duas cenas existe um vínculo

associativo evidente em função dos elementos que se repetem: o riso dos vendedores da segunda cena evoca o riso do dono da venda da primeira cena; o elemento roupa também se destaca na duas situações. A diferença entre as duas cenas é marcada por um tempo onde advém a puberdade. Emma, quando tinha oito anos, não dera significação sexual alguma ao acontecimento, aos doze anos ela pôde sexualizar a lembrança do evento no momento em que a cena dos lojistas atualiza a cena anterior. No entanto, tão logo ocorre a sexualização, a recordação é recalçada, fazendo com que Emma esqueça o primeiro acontecimento. Segundo Laplanche (2006), neste caso encontramos o *a posteriori* no contexto de uma teoria do recalque na qual uma lembrança só-depois se torna um trauma. É a lembrança evocada que traumatiza, pois o eu está sendo atacado de onde ele não esperava – do interior dele mesmo (ANDRÉ, 2008).

Assim, o recalcado retorna no sintoma que se torna então compreensível: ela não quer entrar sozinha em lojas porque teme a sedução (GONDAR, 1995). A noção de *a posteriori* nos autoriza a dizer que uma cena traumática não se produz em si mesma, ela só se torna traumática ao ser transformada em representação-lembrança, isto é, quando é evocada por uma cena posterior. Para Celes, (1999), o vínculo associativo estabelecido entre as cenas faz com que o sintoma de Emma seja compreensível não como uma resposta à cena primeira, mas à cena seguinte, modificada porém pela cena primeira. Jô Gondar (1995) acrescenta: “De fato, não há ordem cronológica entre as idéias, mas uma articulação lógica que mantém a relação de causa e efeito, mesmo que a causa esteja presente só-depois – *depois* sob o ponto de vista cronológico, mas *antes* do ponto de vista lógico.” (p. 53). Assim sendo, o jogo do demasiado cedo do atentado e do demasiado tarde da puberdade não são suficientes para explicitar a concepção de retroatividade presente no *nachträglich* de Freud, é preciso dar lugar de destaque ao elemento primordial que tanto traumatiza como resignifica o trauma: a lembrança *a posteriori*. É a partir do protagonismo da lembrança da primeira cena que se pode inverter a flecha do tempo, operando assim uma reversibilidade do tempo. Jacques André (2008) esclarece sua importância:

No caso Emma, da confeitaria da infância à loja da adolescência, dá-se ênfase a um aspecto essencial: o mais violento do ataque vem de dentro (a lembrança) e não de

fora (a mão do dono da confeitaria). E, de fato, perde-se a originalidade do *après-coup* se for desconsiderada a contribuição desse “corpo estranho” que é a realidade psíquica. Mas a aproximação vem do fato de que esse “corpo interno”, justamente, não é a lembrança. É o *après-coup* que permite a lembrança, a colocação no passado, é ele que a historiciza. Antes do *après-coup* há uma impressão. Seu ressurgimento não é uma questão de rememoração, mas de coincidência, de colisão entre um fora e um dentro (...) alguma coisa vem de fora que atinge alguma coisa de dentro. Entre dentro e fora, o *après-coup*, um ser de passagem, não se deixa facilmente localizar (ANDRÉ, 2008, p. 153).

Seguindo o percurso laplanchiano, encontramos também, na troca de correspondência com Fliess (1892-1899), momentos fecundos onde Freud revê sua concepção a respeito dos processos psíquicos e reformula sua teoria a partir de uma compreensão *a posteriori* dos fenômenos que observa em sua clínica. As cartas destacadas que contribuem para destrinchar a noção de *nachträglich* são: Carta 46, de 30 de maio de 1896; Carta 52, de 6 de dezembro de 1896; Carta 59, de 6 de abril de 1897; Carta 61, de 2 de maio de 1897, com seu manuscrito L; Carta 69, de 21 de setembro de 1897; Carta 70, de 3-4 de outubro de 1897; Carta 75, de 14 de novembro de 1897.

Na carta 52, a mais famosa delas, Freud descreve o processo de memória, enfatizando um tempo retrospectivo, um depois que reformula um antes:

(...) Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição*. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações (FREUD, 1896, p.281).

Essa carta possui notadamente uma importância para se pensar o reordenamento que a memória opera e como a eficácia traumática não é resultante simplesmente de um acontecimento do passado distante. Como alerta Freud, o traumático surge da articulação entre várias representações que se desdobra em muitos tempos. A memória não está presente de uma maneira única, mas sim múltipla, depositada em diversas sortes de signos. Entre esses signos, de um para o outro, é preciso um processo de tradução (LAPLANCHE, 2006). O problema não se organiza somente entre dois tempos – o pré-puberdade e o pós-puberdade –, o que há

é um entrecruzamento de representações em tantos tempos quantos forem possíveis. Freud (1896) utiliza outras palavras para se referir a esse processo: retranscrição e reordenamento. Mas esse processo também é claramente definido em outro momento como tradução, e “a recusa em fazer esta tradução é o que clinicamente nomeamos de recalçamento” (p. 57). Uma outra pista sobre isso se encontra na Carta 59, de 6 de abril de 1897. Nesta curtíssima correspondência, Freud fala da histeria e discute a questão das fantasias a partir da experiência dos sentidos, fazendo uma relação entre o “ouvido”, o “ouvido dizer” e o “compreendido”. O trecho original diz o seguinte:

O aspecto que me escapou na solução da histeria está na descoberta de uma nova fonte a partir da qual surge um novo elemento da produção inconsciente. O que tenho em mente são as fantasias histéricas, que, habitualmente, segundo me parece, remontam a coisas ouvidas pela criança em tenra idade e compreendidas somente mais tarde. A idade em que elas captam informações dessa ordem é realmente surpreendente – dois, seis ou sete meses em diante! (FREUD, 1897, p.293).

Cada sentido, com seu próprio código, possui a capacidade de veicular mensagens, mas também exige um trabalho de tradução, visando a compreensão destas mensagens que emite. Laplanche (2006) afirma que o mecanismo do recalque é um impedimento, uma recusa em realizar essa tradução. O autor esclarece:

(...) o que é percebido ou sentido da infância traz em si qualquer coisa que deve ser compreendida *après coup*. O que é visto, escutado, de fato o vivido, comporta em si mensagens latentes que o sujeito, em um segundo tempo – *nachträglich* – deve tentar traduzir. Eles não são puros materiais sensoriais inertes, apenas barulhos, eles comportam em si uma exigência de tradução. O significado, de sua parte, não é puramente retroativo: ele responde a uma tentativa de comunicação anterior que é latente. (...) é um ‘a traduzir’, de fato um ‘a traduzir’ original. (LAPLANCHE, 2006, p.68).

Já, na Carta 46, Freud discutia esta ideia da tradução associada ao sintoma histérico: “para a histeria, as cenas ocorrem no primeiro período da infância (até os 4 anos), no qual os resíduos mnêmicos não são traduzidos em imagens verbais (...), o primeiro período de vida possui a característica de ser intraduzível” (FREUD, 1896, p.277). Na Carta 61 também encontramos trechos que remetem a algo que exige uma tradução: “as fantasias derivam de coisas que foram ouvidas, mas só compreendidas posteriormente, e todo o seu material, é naturalmente verídico” (FREUD, 1897, p.

296). Na continuidade de seu pensamento, o manuscrito L, também de 1897, diz o seguinte:

(...) as fantasias (...) são feitas de coisas que são ouvidas e posteriormente utilizadas; assim, combinam coisas que foram experimentadas e coisas que foram ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e dos ancestrais) e coisas que a própria pessoa viu. Relacionam-se com coisas ouvidas, assim como os sonhos se relacionam com coisas vistas (p.297).

Todas estas cartas de abril e maio se encontram ainda sob a vigência da teoria da sedução (1895-97), que é inseparável da ideia de um traumatismo em dois tempos e que postula uma situação real como substrato da fantasia. Tal teoria, que foi abandonada por Freud (1897), atribuía um papel determinante na etiologia das psicose neuroses à memória de cenas reais de sedução de um adulto sobre uma criança. Esta, em sua condição de imaturidade sexual, não se vê seduzida por um adulto perverso, é somente após a puberdade que a conotação traumática sexual é dada à lembrança da cena ocorrida e que havia sido inofensiva no momento de seu acontecimento. É nas correspondências trocadas com Fliess (1892-1899), após o abandono desta concepção de trauma, que Laplanche (2006) irá se deter. Depois das cartas de abril/maio, a noção de *nachträglich* desaparece da correspondência para só então reaparecer na Carta 75, de 14 de novembro de 1897. Entre essas datas, de abril/maio até novembro, Freud finalmente anuncia na Carta 69 – de 21 de setembro de 1897 – o abandono da teoria da sedução. Freud (1897) diz não crer mais em sua “neurótica” (p.309) e questiona a hipótese de um adulto sedutor, alegando que a compreensão sob essa ótica apontaria para muitos sujeitos perversos no mundo. Seu principal argumento consiste na afirmação da impossibilidade de se atingir o acontecimento inicial real detonador da neurose, uma vez que “no inconsciente não há indicações de realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção” (FREUD, 1897, p. 310).

É desse modo que Freud (1897) sai do campo do acontecimento real para o terreno da fantasia, enfatizando seu protagonismo. Mas trata-se de que tipo de fantasia exatamente? Qual é o estatuto para o real e para a fantasia? Para Costa (1989), as formulações freudianas pareciam não escapar de uma dicotomia

inconclusiva: ou a origem era mito, e, então, a realidade psíquica era autônoma, ou o mito tinha uma origem real e não havia como provar o fundamental da afirmação, a não ser afirmando miticamente a realidade do traumatismo. Neste momento onde a fértil discussão da Carta 69 toma corpo, Freud discute com Jung (1912) a possibilidade dessas fantasias serem fruto de uma imaginação retroativa, que cria o passado a partir do presente. No entanto, ao propor o conceito de retrofantasia, Jung (1912) radicalizou a ideia da realidade psíquica, até dissolvê-la no mundo dos arquétipos (COSTA, 1989). Para ele, portanto, tal como o conceito de arquétipo demonstra, a libido é uma energia dessexualizada que pode regredir a um estágio muito arcaico, onde Jung (1912) situa o inconsciente coletivo. Os arquétipos são símbolos que representam este inconsciente coletivo compartilhado por todos os indivíduos. Do lado desse autor, o dilema realidade-fantasia foi resolvido pelo rompimento imediato com os fundamentos da psicanálise freudiana. A tese junguiana da fantasia retroativa, ao se dessexualizar, pôs um ponto final na dúvida psicanalítica.

Do lado de Freud, é impossível se pensar em um puro retrofantasiar criando o passado a partir do presente sem remeter as origens da fantasia para além da história individual. Então, a tese da imaginação retroativa, para Freud, encontra alento na história da espécie que apoia-se nas hipóteses filogenéticas. Trata-se de fantasias originárias ou protofantasias que são universais, como a cena primária, que organizam a vida fantasística. É desse modo que Freud mistura realidade e fantasia, associando a existência e montagem das fantasias originárias – herdeiras da história da espécie – ao percurso singular da história do indivíduo. Para compor essa montagem é preciso considerar principalmente os elementos que os sentidos captam – barulhos, ruídos, movimentos observados na penumbra – que exigem decodificação. O que diverge radicalmente de Jung (1912) nessa ideia é o caráter sexual da libido que se cristaliza como mecanismo de defesa no decorrer do percurso do desenvolvimento psicosssexual, sendo possível identificá-la a partir do modo neurótico de se organizar de cada sujeito.

3.3

Realidade X fantasia: a contribuição do Homem dos Lobos

A partir da leitura de Laplanche (2006), as hipóteses filogenéticas – bem como as fantasias originárias – estariam, inelutavelmente, condicionadas ao abandono da teoria da sedução. A sedução não teria mais vigência no campo da realidade, ela se tornaria fantasia filogenética. A cena primária seria então uma fantasia originária – protótipo da sedução estruturante que organiza a vida psíquica. Ainda, segundo o autor, é correto afirmar que o desenrolar da teoria da sedução não é completamente paralelo à história do conceito de *a posteriori*.

Retomando a investigação dos documentos dirigidos à Fliess, é na Carta 70 que se constrói de fato a oposição insolúvel entre a busca de uma causa primeira e a hipótese puramente retroativa. Nessa carta, Freud (1897) conta a Fliess um trecho de um sonho seu que ele mesmo destrincha através de sua autoanálise. O sonho diz respeito à sua professora de “assuntos de sexo” (p.313) que o repreendia por ser desajeitado e não ser capaz de fazer nada direito. É através dessa fala que ocorre o que ele chama de “impotência do neurótico” (p.313), pois é assim que “o medo de ser incapaz na escola adquire seu substrato sexual” (p.313). Segundo Freud (1897), todo o seu sonho estava na verdade repleto de alusões à sua fantasia de impotência como terapeuta. Ainda nesse sonho, um detalhe importante toma a cena no desenrolar da trama: a professora de sexualidade banha Freud nas águas avermelhadas de suas regras, na qual ela mesma havia se banhado anteriormente. Sobre esse aspecto, Freud (1897) afirma de forma categórica: “não encontro nada parecido com isso nas sequências de minhas lembranças, de modo que considero uma verdadeira descoberta do passado distante” (p.313). Essa fala contesta uma ideia de imaginação retroativa e deixa explícito um lado determinista da compreensão do problema. Trata-se de um condicionamento temporal progressivo no sentido passado-presente, onde, no momento atual, através do sonho, o passado é então finalmente revelado em sua essência. No entanto, após ter dito isso, o trecho final da Carta 70 termina com a seguinte questão:

(...) de tudo isso, um crítico severo poderia dizer que foi retrospectivamente fantasiado e não determinado progressivamente. Os experimentos cruciais teriam de contradizê-lo. A água avermelhada já seria, parece, um desses experimentos. Onde é que todos os pacientes arranjam terríveis detalhes pervertidos que, muitas vezes, são tão afastados de sua experiência quanto de seu conhecimento? (FREUD, 1897, p. 313-314).

Laplanche (2006) argumenta que após Freud ter anunciado o abandono da teoria da sedução na Carta 69, essa temática ainda permaneceria presente como atmosfera flutuante que vai dando corpo às suas ideias. Para ele, mesmo no grande momento de revisão da teoria da sedução, Freud não teria abandonado jamais a ideia de um condicionamento no sentido passado-presente, ainda que fosse o passado da espécie. Ao mesmo tempo em que Freud propõe com seu *nachträglich* uma inversão da flecha do tempo, supondo uma temporalidade retrospectiva que reinventa o passado, Freud também sustenta a existência de um tempo linear progressivo, que se encontra, em última instância, representado nas fantasias originárias. Há o tempo reversível que convive com um tempo da evolução da espécie, expresso em uma linearidade filogenética. Então, estes dois modos de compreensão do tempo estariam então presentes na teoria freudiana de forma complementar: a noção de uma temporalidade retroativa, bem como uma temporalidade progressiva.

É somente na Carta 75 que a hipótese filogenética de Freud (1897) ganha força. Nesse relato, o autor despatologiza a operação de recalque ao pensar o recalque como um processo normal que estaria ligado às formações do tipo moral. Na teoria da sedução, o recalque e o inconsciente eram tidos implicitamente como patológicos e o tratamento consistia em tornar consciente o material inconsciente e eliminar o recalque. Nas palavras de Freud: “veio-me o desejo de que o recalque pudesse ser substituído pela coisa essencial que jazia por trás dele; e é disso que me ocupo agora. Muitas vezes suspeitei de que alguma coisa orgânica desempenhava um papel no recalque.” (p. 319). Nesse momento, Freud (1897) substitui, portanto, a teoria da sedução por algo por ele descrito como ainda mais fundamental: a hipótese filogenética. O recalque ganha uma dimensão orgânica. Ele discute a ideia de que algumas zonas érogenas tiveram de ser abandonadas em nome da evolução do ser humano, de acordo com novas necessidades. Trata-se da passagem da posição de quatro patas para a posição ereta, o nariz levantado do chão e a “extinção dessas

zonas sexuais iniciais que teria uma contrapartida na atrofia de determinados órgãos internos, no decurso da evolução” (FREUD, 1897, p.320).

Laplanche (2006) destaca ainda, na referida carta, os três significados que a palavra “recalque” vai adquirindo ao longo do texto:

- 1- Um mecanismo psicológico.
- 2- Processo oriundo da maturação biológica que se dá ao longo do desenvolvimento.
- 3- Modificações do aparelho psíquico que são decorrentes do desenvolvimento da espécie e que estão ligadas diretamente à noção de um recalque orgânico.

Esta última face do recalque está inteiramente em um nível filogenético. Então, se a ontogênese recapitula a filogênese, o desenvolvimento da criança deve repetir o desenvolvimento da espécie, e é assim que se delineiam as fases do desenvolvimento psicosssexual infantil – oral, anal, fálica e genital, tal como Freud (1905) as descreve nos *Três Ensaio*s. Neste momento da composição freudiana, o que se quer trazer à cena é a ideia de uma sequência biológica de base, “uma sucessão de estados biológicos que se recalcariam um ao outro ou que seriam sucessivamente abandonados” (p.110) de acordo com o curso do desenvolvimento evolutivo. Trata-se de um abandono de cunho filogenético. Ao destacar em Freud (1905) esta ênfase dada ao componente biológico, Laplanche (2006) acrescenta que não se trata puramente de etapas orgânicas do desenvolvimento psicosssexual, existem outros componentes determinantes que não somente a maturação biológica. Apesar do forte traço orgânico que fica explícito nesta carta para Fliess, estas fases da sexualidade infantil – oral, anal, fálica e genital – devem ser compreendidas simultaneamente em um nível biológico, interpessoal e antropológico (LAPLANCHE, 2006). Todas essas dimensões interagem entre si, resultando em uma complexa composição do indivíduo.

Seguindo a genealogia da noção de *nachträglich* em Freud (1918), no texto *História de uma neurose infantil* nos deparamos mais uma vez com a palavra *nachträglichkeit* na descrição do caso do Homem dos Lobos. Desde os tempos das

Cartas a Fliess (1892-1899) que o termo não aparecia nos textos freudianos. Neste relato de caso, outros conceitos da teoria psicanalítica também são revisitados: o trauma, a sedução e a cena primária – agora, sob o prisma das fantasias originárias. A história do Homem dos Lobos é narrada por Freud (1918) de uma maneira cronológica, mas os elementos principais que costuram a trama são resultantes de uma temporalidade *après coup*. Trata-se um jovem incapacitado devido a um quadro de fobia seguido de uma neurose obsessiva de conteúdo religioso, que se apresentou por volta dos dez anos de idade. O momento mais importante da análise do caso se refere a um sonho de angústia que o paciente teve com quatro anos: durante seu sono a janela do quarto se abre, do lado de fora aparece a imagem de seis ou sete lobos brancos sentados em uma grande árvore. Apavorado e com medo de ser devorado, ele acorda. O sonho de angústia aponta para a anterioridade de uma suposta cena primária – que teria acontecido hipoteticamente por volta de um ano e meio de idade – e que se atualizou nesta imagem do sonho. Freud (1918) reconstruiu a cena minuciosamente com a ajuda de fragmentos de lembranças do paciente a respeito de sua sexualidade infantil. A questão da relação entre a realidade prática e a realidade psíquica deixava Freud inquieto. Em 1914, ele já tinha escrito:

Se os pacientes histéricos remontam seus sintomas e traumas que são fictícios, então o fato novo que surge é precisamente que eles criam tais cenas na *fantasia*, e essa realidade psíquica precisa ser levada em conta ao lado da realidade prática. Essa reflexão foi logo seguida pela descoberta de que essas fantasias destinavam-se a encobrir a atividade auto-erótica dos primeiros anos de infância, embelezá-la e elevá-la a um plano mais alto. E agora, detrás das fantasias, toda a gama da vida sexual da criança vinha à luz (FREUD, 1914, p.27).

As fantasias, portanto, tinham papel fundamental e de certo modo denunciavam toda a atividade da sexualidade infantil. A fantasia mais primitiva – a relação sexual dos pais – tinha importância decisiva, era a partir dela que se edificava o recalque. Mas como a cena primária é construída? Qual é a sua realidade factual? Esta cena originária relatada no caso do Homem dos Lobos em nenhum momento aparece diretamente como uma lembrança específica. Ela se deu a partir de uma construção *après coup* em dois momentos, ou seja, primeiro através do sonho dos lobos sentados na árvore, ocorrido na noite de natal e depois pela análise. É a partir

do trabalho analítico em torno do sonho que se concluiu que a causa da fobia do Homem dos Lobos era decorrente do medo/amor que sentia por seu pai, sentimento correlato ao medo de ser devorado pelos lobos. Desse modo, ao longo de sua vida, o paciente foi repaginando sua história de acordo com o direcionamento de Freud e os recursos que ele próprio possuía. Nas palavras de Freud (1918):

(...) o paciente sob análise, com mais de vinte e cinco anos de idade, estava colocando as impressões e impulsos dos seus quatro anos em palavras que não poderia jamais encontrar naquela época. É simplesmente mais um exemplo de *ação preterida*. Com um ano e meio, o menino recebe uma impressão à qual é incapaz de reagir adequadamente; só consegue compreendê-la e ser afetado por ela quando a impressão é revivida por ele aos quatro anos; e somente vinte anos mais tarde, durante a análise, está apto a compreender, com processos mentais conscientes, o que então acontecia com ele (p. 56).

Laplanche (2006) ressalta no caso do Homem dos Lobos duas possibilidades de compreensão do *a posteriori* ao longo do relato freudiano. O primeiro efeito *après coup* se dá entre um ano e meio e quatro anos, no momento suposto entre a ocorrência da cena primária e uma primeira elaboração através do sonho de angústia – momento da eclosão da fobia. Um segundo efeito *après coup* se dá no momento da análise, entre os 24 e 28 anos, onde há uma transformação progressiva da fobia em neurose obsessiva. Eis aí dois elementos importantes para se pensar o *a posteriori* a partir do caso de Freud (1918): o trabalho do sonho e da análise. O processo analítico oferece ao Homem dos Lobos a possibilidade de ressignificar seu drama pessoal, através do relato de um sonho. Mas este sonho em si mesmo já cumpre para o sujeito um primeiro papel de organização psíquica que pode então ser aprofundado na análise. Nesse texto há também um debate crucial sobre realidade e fantasia, uma discussão que se situa inteiramente no plano da temporalidade de *nachträglich*. Freud (1918) admite que é a partir da análise do paciente que a cena pode ser construída pelo próprio sujeito, mas, nem por isso, insiste menos que a percepção forneceu pelo menos indícios, ainda que não passasse de uma cópula de cães. Ali as impressões foram recolhidas. No entanto, neste momento onde parece atenuar a base de realidade que está contida na construção da fantasia, Freud (1918) então recorre categoricamente às fantasias originárias. Neste texto de 1918 ele consolida de vez sua hipótese

filogenética, afirmando a crença em uma estrutura que é anterior à existência do sujeito, e que, em última análise, fundamenta a fantasia. A fantasia originária transcende simultaneamente o vivido individual e o imaginado, ela está em um plano filogenético.

Segundo Laplanche (2006), as fantasias originárias foram o trunfo que Freud (1918) utilizou para driblar a proposta de Jung (1912) sobre as retrofantasias, já citadas anteriormente. As divergências radicais que opuseram Freud e Jung tiveram consequências no modo de se apropriar da temporalidade do *a posteriori* que parecia ser um problema compartilhado pelos dois. A discordância teórica fez com que cada autor sugerisse um termo autêntico para dar conta da questão. Jung (1912) aposta na ação de retrofantasiar – *zurückphantasieren*, enquanto que Freud (1918) propõe o substantivo *nachträglichkeit* para dar conta do processo de ressignificação e também *urphantasien* – as fantasias originárias ou protofantasias – que deslocam a questão para o nível filogenético. Dentro desta perspectiva determinista, critica Laplanche (2006), o que se busca é o elo perdido, é a peça do quebra-cabeça que está faltando. Nesse modelo há uma ilusão de completude, e a peça que falta em todo o quebra-cabeça da história individual é igual: trata-se da fantasia originária. Esta concepção filogenética apresenta o inconsciente como uma lacuna e, tal como num quebra-cabeça, é preciso investigar, procurar a única peça capaz de se encaixar perfeitamente naquela lacuna. Quando ela é preenchida, “o todo se torna compreensível em si mesmo” (LAPLANCHE, 2006, p.148). Foi a oposição entre realidade e fantasia e também a desavença com Jung (1912) que impulsionaram Freud (1918) a buscar saídas para a questão, como o recurso mítico da dimensão do originário. Freud vai e volta em sua teoria, ao buscar esclarecer as bases da realidade psíquica e os elementos da organização subjetiva neurótica. O caso do Homem dos Lobos é porta-voz do esforço freudiano permanente de adequar sua teoria aos fenômenos observados na clínica. O caso assegura de modo bastante imbricado os efeitos tanto da realidade como da fantasia.

3.4

***Nachträglich*, a crítica e a clínica**

Após esse passeio pelos diversos momentos teóricos de Freud, a partir do caso do Homem dos Lobos, conclui-se que também é psiquicamente traumatizante o que vem do interior. O sonho narrado por Freud (1918) é o paradigma do trauma como ataque interno. Após uma latência de quinze a vinte anos, os termos “traumatismo” e “sedução” marcam presença novamente no texto de Freud (1918), em *História de uma neurose infantil*. Pode-se dizer que eles foram revisitados e reapresentados neste momento teórico a partir da perspectiva do *a posteriori*. Como já vimos, para que haja um trauma é preciso ao menos dois tempos. No entanto, no caso do Homem dos Lobos o segundo tempo que consolida o traumatismo não se refere a um acontecimento, mas sim a um sonho que marca o início da neurose. Segundo Laplanche (2006), encontramos aí uma teoria do trauma renovada, uma vez que o momento traumático não se explica somente por um fator externo. É a partir daí que o trauma se torna autotrauma, vem de dentro: um sonho motivado pela noite de natal – evento real que emprestou elementos para a composição do sonho, como a árvore. Freud (1918) escreve: “A velha teoria do trauma das neuroses, que foi, afinal de contas, construída sobre impressões obtidas da prática psicanalítica, de repente viera outra vez para o primeiro plano” (p.102). Além do trauma, Freud (1918) também retoma o conceito de sedução, dando-lhe outro lugar:

Fixamos, então, o nosso relato mais ou menos na época do quarto aniversário do menino, e foi nesse ponto que o sonho fez operar, preteridamente, a sua observação da relação sexual, com a idade de um ano e meio. Não nos é possível entender completamente ou descrever adequadamente o que então sucedeu. A ativação do quadro, que, graças ao progresso no seu desenvolvimento intelectual, já conseguia então compreender, operou não apenas como um evento recente, mas como um novo trauma, como uma interferência do exterior, análoga à sedução (p.115-116).

O sonho é uma sedução traumática que vem do interior do sujeito. Pode-se dizer que o sonho é uma compreensão *après coup* da cena primária, ou então, é em si mesmo, a elaboração da cena. A própria cena da observação do coito dos pais comporta uma estrutura de sedução, pois a relação entre o adulto e a criança é permeada por mensagens enigmáticas que seduzem, exigem um trabalho de

construção de sentido. Assim também acontece na análise de um adulto, já que em todo processo analítico se pretende reconstruir, para além das lembranças arcaicas, a neurose infantil como uma realidade clínica. É própria neurose em si que é reconstruída a partir da análise de um adulto. E a relação do analista com seu paciente é uma relação de sedução, bem como a relação do paciente com seu analista. A sedução é então inerente à intersubjetividade, é indissociável das relações humanas que comportam significações enigmáticas para o próprio sujeito que enuncia a mensagem (LAPLANCHE, 2006). E isso se deve ao protagonismo do inconsciente.

Laplanche (2006) acredita que a noção de sedução em Freud foi se transformando em sua obra, porém nunca abandonada completamente. No texto de 1918 ela ganha inclusive um capítulo próprio, intitulado *A Sedução e Suas Consequências Imediatas*. Em suma, é o sonho e sua estreita relação com a cena primária – ou originária – que atualizaria o velho esquema da teoria da sedução de 1895. Essa teoria da sedução (1895-97), diz Laplanche (1988), teria sido diluída nos conceitos freudianos. Ela estaria por toda parte: nas fantasias originárias, nos sonhos, na relação interpessoal adulto – criança e na temporalidade de *nachträglich* – herdeira da teoria do trauma. Laplanche (1988) critica Freud (1897) por ter abandonado a teoria da sedução, mas, antes dele, um outro autor já o havia feito. Jeffrey Masson (1984), em seu livro *The assault on truth – Freud's suppression of the seduction theory*, afirma que faltou coragem ao pai da psicanálise para levar a teoria da sedução às suas últimas consequências. Esse livro foi um dos maiores *best-sellers* psicanalíticos americanos da segunda metade do século e trouxe à tona uma crítica à primazia da fantasia nas leituras freudianas. Já Laplanche (1988) discute as lacunas deixadas por Freud a partir de sua Teoria da Sedução Generalizada, que acrescenta à temporalidade do *a posteriori* a dimensão de uma mensagem a ser traduzida. Para ele, o enigma é o terceiro termo que deve se colocar entre a oposição freudiana da realidade X fantasia. A cena infantil primitiva é desde sempre lacunar, mas, acima de tudo, enigmática, pois encobre algo que deve ser desvendado. Toda mensagem emitida comporta elementos enigmáticos que impõem um trabalho de deciframento.

Laplanche (2006) acrescenta que na Carta 52 Freud deu um passo além, chegou a esboçar uma teoria tradutiva do processo do *a posteriori*. É preciso levar em

conta o inconsciente sexual do emissor, assim como o do receptor da mensagem. Este compromisso do emissor com o seu próprio inconsciente é que está ausente em Freud (1918). No Homem dos Lobos não se considera o inconsciente dos pais, a grande referência é o homem originário, aquele de Totem e Tabu (1913), o grande protagonista das protofantasias. No entanto, o próprio “originário deve ser considerado como um ‘a traduzir’” (LAPLANCHE, 2006, p.168). Para ele, o originário não é o elo perdido, o segredo cuja resposta um dia será revelada em sua dimensão de verdade inabalável. O originário, com sua qualidade secreta, é um *não saber* sobre si que seduz em busca da construção de sentidos. É um ponto de começo suposto, criado para dar conta de alguma coisa que não se encaixa, mas que deixa marcas. Esse originário, nada mais é do que o enigma parental, aquilo que resguarda a história do sujeito – num momento em que ele não participou dela. Laplanche (2006) esclarece:

(...) foi preciso que Freud abandonasse a ilusão da existência de um grande segredo que seria um dia revelado, dissolvendo o enigma. O grande segredo é a retomada sempre imperfeita – através das cenas, dos traços de memória, do originário – que se dá através do método analítico associativo-dissociativo na direção da compreensão dos elementos que veiculam o enigma parental, sem jamais o preencher (p.171-172).

A partir desse olhar laplanchiano, a temporalidade do *après coup* pode ser compreendida como um jogo interpessoal e não intrapessoal. É um fenômeno que, antes de acontecer na sucessão das etapas da vida de um mesmo indivíduo, acontece na simultaneidade da relação entre o adulto e a criança. A mensagem enigmática do adulto – habitada por seu inconsciente – institui no receptor um primeiro desequilíbrio entre o que quer dizer e o que é dito. O receptor é impulsionado a traduzir, em uma temporalidade posterior, o significado da mensagem, mas, ao fazê-lo, traduz sempre de modo imperfeito.

Para Jacques André (2008), mais do que um trauma em dois tempos, a noção de *après-coup* seria, ela mesma, uma crítica dessa ideia de trauma, da causalidade e da simplicidade. Separando o trauma em dois tempos, reduzimos a complexidade do fenômeno a uma certa cronologia do desenvolvimento: acontecimento primeiro e lembrança traumática – uma vez a maturidade atingida. Esse fio condutor é leviano,

visto que a “experiência analítica nos ensina pelo menos uma coisa: o infantil não tem idade e os golpes internos também não” (ANDRÉ, 2008, p. 154). E o golpe é sempre de certo modo interno, pois o Eu não está preparado para se defender de uma lembrança, de um sonho, espera defender-se de algo que vem de fora, do lado exterior. Assim, “traumatismo em dois tempos quer dizer que todo traumatismo, finalmente, através de seu segundo tempo, é um autotraumatismo, traumatismo interno” (LAPLANCHE, 2006, p.54).

Jacques André (2008) enfatiza a importância do contexto clínico para a compreensão de *nachträglich* como uma teoria do tempo na metapsicologia que desafia a linearidade passado-presente-futuro:

A ‘causa’ situa-se no momento do trauma posterior, ou quando algo se imprime sem poder ser tratado psiquicamente? O *après coup* não responde a essa pergunta, ele a invalida. O modelo simplista da causalidade casa com uma concepção linear do tempo, conta que ‘era uma vez...’. O mito individual proposto por ele (Freud) é um objeto para a análise e não seu resultado. (...) O *après coup* afeta o bom senso, desordena a causa e o efeito, condensa o passado e o presente. (ANDRÉ, 2008, p. 151-152).

O *après coup* comporta um duplo registro: o do golpe e o da abertura ao novo. É uma noção em permanente tensão que sustenta de um lado a violência traumática e do outro a sutileza de uma reinscrição (ANDRÉ, 2008). No entanto, assim como advoga Laplanche (2006), o *après coup* só pode se transformar em abertura a partir da relação intersubjetiva, isto é, o sujeito precisa encontrar alguém para ouvi-lo e ajudá-lo no processo de ressignificação. O “o *après coup* é um acontecimento traumático tardio em busca de sentido e de intérprete, ele cristaliza uma situação inter-humana” (ANDRÉ, 2008, p. 143). Qualquer leitura do *après coup* que o reduza a uma pura rememoração do passado é uma leitura limitada. Segundo Laplanche (2006) e André (2008), o caráter inovador que essa temporalidade proporciona diz respeito à noção de um golpe interno que coloca no centro do problema a questão da realidade psíquica.

E assim também acontece no processo analítico; se a situação repetida na transferência comporta um caráter traumatizante, ela comporta também em si mesma

uma potencialidade de produção de novos sentidos. O golpe interno ativa conteúdos que tendem ao fechamento – no caso do sintoma – mas também tendem à abertura e consequente ressignificação (ANDRADE e MAIA, 2010). Segundo André (2008), uma das funções do analista é também “desferir golpes” (p.145) no paciente e estes golpes imprevistos, vindo de fora – este fora entendido como a própria situação analítica – causam efeitos internos no sujeito. Então, “basta uma palavra para que o inconsciente desestruture a linguagem e para que o analista, aproveitando esse momento oportuno, desfira o único golpe que o método lhe permite: a interpretação” (ANDRÉ, 2008, p.148). A interpretação que vem de fora atualiza e organiza uma inquietação que está dentro e é nesse sentido que ela se torna “o ato de manifestação do estranho no coração do íntimo” (FÉDIDA, 1989, p.189).

O tempo psíquico não se sujeita sempre ao sentido da flecha cronológica do tempo, ele a subverte constantemente. Rebaixar a temporalidade de *nachträglich* a uma cronologia do desenvolvimento equivale a distorcer sua originalidade. O trauma não é resultante da fragilidade de um Eu precoce que precisa amadurecer, ele é acima de tudo resultado da relação intersubjetiva, pois é “sempre um adulto que prematura uma criança e não existe trauma primitivo que não seja a cristalização de uma situação interpessoal e que não conserve o traço desta” (ANDRÉ, 2008, p.154). Essa afirmação do autor vai ao encontro do postulado laplanchiano que supõe que as mensagens enigmáticas estão sempre presentes na relação entre sujeitos. O trauma supõe um outro, seja ele interno ou externo.

Tanto André (2008) como Laplanche (2006) ressaltam a importância dos elementos incompreensíveis que estão em jogo na relação interpessoal, especialmente na mais primordial de todas, sem a qual a vida não seria possível: a relação entre um adulto e uma criança. Esta relação assimétrica entre um emissor da mensagem – o adulto – e um receptor – a criança – já havia sido discutida por Ferenczi (1932) em seu texto *Confusão de Língua entre os adultos e a criança*. O autor propõe um desencontro inevitável entre a linguagem da paixão, pertencente ao mundo adulto, e a linguagem da ternura, que habita o mundo infantil. Nesse trabalho, no entanto, a ênfase é unilateral: o adulto é o agente da sedução, isto é, para Ferenczi (1932) a criança é sempre vítima de um adulto. Talvez tenha faltado no olhar ferencziano uma

visão mais ampliada do jogo relacional. Se associarmos o enigma ao inconsciente, como sugere (Laplanche 2006), tanto crianças como adultos são vítimas, acima de tudo, de seu próprio inconsciente. A mensagem emitida – seja quem for o emissor – é sempre enigmática, logo, sedutora.

Para Laplanche (2006) e também para André (2008), é a partir do enigma que a teoria da sedução se repagina e ganha força ao invés de se dar por vencida. A situação analítica se inscreve também em um contexto de sedução e de trauma, onde a estrela principal é o infantil – o grande enigma da vida privada. Nas palavras de André (2008):

Com ou sem doce, a psicanálise é uma cena de sedução, que nasce do encontro entre o mais íntimo e o mais estranho e permite que o fenômeno de *après coup*, descoberto com a teoria da sedução, se encontre em terra natal. O gesto sedutor nada mais é que o enunciado da regra fundamental: ‘diga tudo o que passa...’ (...) Uma análise nunca ocorrerá entre pessoas que se entendem. Nada é mais distante da psicanálise do que a ideia da mutualidade; assim como também não pode ser eliminada a alteridade do inconsciente (p.164).

O tratamento psicanalítico coloca em evidência uma dimensão paradoxal do seu processo: ao mesmo tempo em que se dá em um dispositivo clínico que se sustenta nas repetições – *setting*, horário, frequência, duração – é um lugar de encontro com o inesperado e é nesse imprevisto que o sujeito encontra a eficácia terapêutica. De acordo com André (2008), o paradigma do imprevisto é o encontro com o infantil, constantemente revivido no *setting* da clínica psicanalítica. Mas o que significa exatamente o infantil para a psicanálise? J-B. Pontalis (1997) oferece uma explicação interessante:

(...) o infantil, é o sexual indiferenciado, em que podem coexistir ternura e sensualidade, masculino e feminino, ativo e passivo. Não subordinado a uma função, não ligado a órgãos específicos, o infantil ignora totalmente o princípio de realidade e talvez seja até insubmisso ao princípio de prazer, que implica uma finalidade. Um sexual sem princípios. Este infantil não tem idade. Não corresponde a nenhum lugar, a nenhum tempo atribuível. Não está atrás de nós. É uma fonte no presente, viva, nunca esgotada (p.32).

Para André (2008), o “modelo do trauma em dois tempos tem o inconveniente de confundir a infância e o infantil e de alinhar o sexual a uma temporalidade homogênea, sob o primado do genital” (p.150). O infantil não envelhece, ele está fora do tempo do amadurecimento e o próprio Freud (1918), ao postular as protofantasias, se encarregou de emancipar a noção de *après coup* do tempo da puberdade. A temporalidade de *nachträglich* “mantém um pé no inconsciente” (ANDRÉ, 2008, p.142), suas manifestações são mensagens cifradas que seduzem a consciência. Os sonhos, os lapsos de linguagem, os sintomas são elementos codificados que funcionam como golpes internos.

O essencial é manter a originalidade do *après coup*, da qual o inconsciente é o primeiro referente. A maturação é um tempo escalonado, ao passo que o intervalo entre os tempos 1 e 2 do *après coup* varia de algumas horas a algumas décadas. Nas análises do pequeno Hans e do Homem dos Lobos, Freud apresenta efeitos de *après coup* dentro do tempo da infância. Também não se deve excluir a possibilidade de esse fenômeno do trauma em dois tempos se produzir na vida adulta ou até mesmo durante o tratamento analítico. Não há idade para receber golpes que excedam as capacidades de um aparelho psíquico no momento em que são desferidos. Assim como também não tem idade para o *infantil* em cada um de nós (ANDRÉ, 2008, p. 150)

Nessa perspectiva, há uma essencial solidariedade entre o fenômeno de *nachträglich* e a dinâmica do tratamento. Segundo Andrade e Maia (2010), a compulsão à repetição pode ser pensada como um movimento com duas faces – fracasso e sucesso – do mesmo processo. Enquanto que um se fecha no próprio mecanismo da repetição, o outro opera uma abertura no psiquismo para a superação deste mesmo movimento repetitivo. O *après coup* mobiliza o recalque, é um mecanismo que fecha e abre sentidos, buscando dar conta do ataque interno que ele mesmo opera. A situação analítica permite a repetição e a atualização do trauma a partir da presença de um outro, “só a existência psíquica de um estar ‘em presença de’ dá ao presente sua eventual consistência” (ANDRÉ, 2008, p.161). Assim se engendram novas possibilidades, mas na clínica é o amor de transferência que torna viável o trabalho de ressignificação.

Esta exposição sobre a temporalidade *princeps* da psicanálise buscou evidenciar o movimento original de Freud ao pensar a causalidade psíquica ao longo

da construção de sua obra. É em sua dimensão clínica que a temporalidade do *a posteriori* ganha sua máxima projeção. O tempo de *nachträglich* não é o tempo que passa, tampouco o tempo que não passa, é o tempo que transforma, que se abre para o novo.